



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS – FAFIC  
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA – DFI

**ALAÍDE BEATRIZ CABRAL NUNES**

**EXPERIÊNCIAS SILENCIADAS DA LOUCURA E A ARTE COMO  
INSTRUMENTO NA SUBJETIVAÇÃO DA EXISTÊNCIA.**

MOSSORÓ – RN

2021

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS – FAFIC  
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA – DFI

**ALAÍDE BEATRIZ CABRAL NUNES**

**EXPERIÊNCIAS SILENCIADAS DA LOUCURA E A ARTE COMO  
INSTRUMENTO NA SUBJETIVAÇÃO DA EXISTÊNCIA.**

Monografia apresentada ao Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte como um dos requisitos avaliativos da disciplina de Seminário de Monografia IV.

ORIENTADORA:  
Profa. Dra. Maria Vera Lúcia Pessoa  
Porto

MOSSORÓ – RN

2021

**FICHA CATOGRÁFICA  
BIBLIOTECA**

**ALAÍDE BEATRIZ CABRAL NUNES**

**EXPERIÊNCIAS SILENCIADAS DA LOUCURA E A ARTE COMO  
INSTRUMENTO NA SUBJETIVAÇÃO DA EXISTÊNCIA.**

Monografia apresentada ao Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte como um requisito parcial para a obtenção do título de Graduada em Licenciatura Plena em Filosofia

Monografia sob orientação da Profa. Dra. Maria Vera Lúcia Pessoa Porto, defendida e aprovada em 15 de junho de 2021.

**BANCA EXAMINADORA**



Prof. Dra. Maria Vera Lúcia Pessoa Porto (Orientadora)

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)



Prof. Dra. Silvana Maria Santiago

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)



Prof. Dr. Guilherme Paiva

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

Não se curem além da conta. Gente curada demais é gente chata. Todo mundo tem um pouco de loucura. Vou lhes fazer um pedido: Vivam a imaginação, pois ela é a nossa realidade mais profunda. Felizmente, eu nunca convivi com pessoas ajuizadas. É necessário se espantar, se indignar e se contagiar, só assim é possível mudar a realidade.

Nise da Silveira

A minha família, minha Mãe  
Fátima, a minha filha Ártemis.  
A todos as pessoas que de  
alguma forma me inspiram a  
seguir me transformando.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente devo agradecer a mim mesma por ter conseguido tanto e buscado a constante vibração da vida, mesmo diante de diversos empecilhos, buscado o conhecer e consequentemente a Filosofia. Fico imensamente grata por este trabalho pois as questões acerca da loucura e da estética da existência analisadas, fazem parte de uma jornada constante ao papel de investigador, se tornando um trabalho instigante de ser lido. E como em toda experiência que se desdobra a todo momento, a pesquisa realizada com diversas fontes e referências não somente me engradeceu e me marcou como pesquisadora, mas, como pessoa, corpo de lutas e resistências.

Além disto, torna-se necessário aproveitar o espaço para agradecer a todas as pessoas que fizeram com que este trabalho fosse possível de acontecer. Gostaria de mostrar minha satisfação em ter feito parte da UERN, na qual foi como uma casa para mim nos últimos quatro anos e é repleta por esse sentimento de acolhimento que agradeço também a minha orientadora Maria Vera Lúcia Pessoa Porto por ter me acolhido como sua orientanda e por ter me ensinado tanto com sua gentileza e amor à filosofia que tanto compartilhamos. Posso dizer que o mérito por esse trabalho cabe principalmente a orientação que recebi neste período, aos projetos que tive a honra de participar e ampliar meus estudos e também aos meus professores do curso de Filosofia, expreso enorme gratidão por terem se tornado essenciais na minha trajetória e consequentemente neste trabalho de conclusão de curso.

## **RESUMO**

O presente trabalho propõe analisar, a obra base “História da Loucura na Idade Clássica” do filósofo Michel Foucault, observando a maneira em que a loucura foi conceituada e tratada ao longo do período Clássico para compreender - por meio de uma dimensão histórica e filosófica - as formas em que se constituíram as relações de opressão e silenciamento da loucura e a atualidade da problematização para trabalhar através de uma filosofia que, alinhada a arteterapia e aos estudos e práticas da Psiquiatra Nise da Silveira sobre a Terapia Ocupacional no Hospital Pedro II, se proponha a ressignificar os espaços do internamento e as próprias concepções que os indivíduos reconhecem de sua própria existência.

**Palavras-chave:** Loucura. Silenciamento. Poder. História. Arterapia.



## **ABSTRACT**

The present work proposes to analyze, the basic work “The History of Madness in the Classical Age” by the philosopher Michel Foucault, observing the way in which madness was conceptualized and treated throughout the Classical period to seek to understand - through a historical and philosophical - the ways in which the relations of oppression and silencing of madness were constituted and the current issue of problematization to work through a philosophy that, aligned with art therapy and the studies and practices of Psychiatrist Nise da Silveira on Occupational Therapy at Hospital Pedro II, proposes to resignify the spaces of hospitalization and the very conceptions that individuals recognize of their existence itself.

**Keys-words:** Madness. Silencing. Power. History. Art Therapy.

## ÍNDICE

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2. O INDIVÍDUO ENCLAUSURADO: ENTRE A LEI E A ORDEM DA RAZÃO.....</b>	<b>12</b>
2.1 Razão e desrazão.....	14
2.2 Entre os muros do internamento: a domesticação do “não-ser”.....	18
<b>3. “ABERTURA” DOS PORTÕES DO INTERNAMENTO AOS CONSIDERADOS MALDITOS.....</b>	<b>22</b>
3.1 Poder e sujeição dos corpos “imorais”.....	26
3.2 Moral hegemônica e medicina surgente efetivando o enclausuramento.....	29
<b>4. A ESTÉTICA DA LOUCURA: A EXPERIÊNCIA INCOMPREENDIDA</b>	<b>34</b>
4.1 A arte como expressão do cuidado de si.....	38
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>43</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>45</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Quando fazemos um breve apanhado acerca das questões que circundam os signos da loucura, percebemos histórias escavadas ali narrando o percurso bem marcado onde os normatizados saberes gravam, determinam e impedem que outros possam surgir. Veremos essa análise em toda a vasta obra de Michel Foucault e, assim como ele mesmo se apresenta, o pirotécnico também propõe resistências para desconstruir estes segmentos engessados na paisagem através do resgate das vivências silenciadas e negligenciadas ao longo dos anos, vivências que não poderão existir fora do solo agenciado a qual foi designada.

O presente trabalho propõe como obra base a análise de *A história da Loucura na Idade Clássica* de Michel Foucault, enfatizando sua importância, motivo pelo qual impulsionou a escolha de se pesquisar acerca do tema além de uma de suas principais obras *As Palavras e as Coisas*. Nas referentes obras, se utiliza da arqueologia como campo de pesquisa onde se propõe a uma análise dos discursos e palavras, não como superestruturas, mas como produção de nossas condutas e de nossa própria realidade e dessa maneira, pretende explorar no mundo dos artefatos as concepções acerca da loucura, a história do internamento e da figura do louco ao longo da época da qual intitula “Era Clássica”.

Portanto, esse resgate faz parte de um trabalho árduo de pesquisar, analisar e revelar artefatos que não parecem mais visíveis para nós conseqüentemente quando os aceitamos como peças responsáveis para construir a moral que permeia nossas relações, ou seja, quando estes já estão intrinsecamente ligados que não é possível captar nenhum sinal. Michel Foucault assim como outros filósofos pós-modernos, interpretam a realidade repleta de nuances e texturas complexas. Enquanto que existem forças contrárias buscando aplainar estes espaços promovendo, portanto, um saber higienizado, ditatorial e disciplinar nos corpos.

A resistência também marca a experiência do fora, portanto, no trabalho de evidenciar essas rupturas no poder, os indivíduos marcam o processo no qual se desenrolam suas próprias vidas. Veremos através de obras como “A História da Loucura

na Idade Clássica”, o horizonte da loucura mudar algumas vezes, mas, sem ampliar seu campo de visão. Assim, as subjetividades desses indivíduos mostram-se impedidas de serem até mesmo vivenciadas de maneira autônoma.

Nomes como Lima Barreto, grande escritor brasileiro, Antonin Artaud, escritor e poeta francês, Nise da Silveira, psiquiatra da terapia ocupacional e que veremos neste trabalho também, resistiram bruscamente ao poder que maquinava os corpos silenciados. Impedidos de se expressar, alguns ainda encontraram uma saída através de meios que comunicassem suas experiências, suas angústias, suas situações limite, seus traumas. Lima Barreto, escreveu sobre a loucura e a viveu diversas vezes, escrevendo da visão de alguém marginalizado e excluído da “nata” cultural por sua postura questionadora e combativa. A arte se torna instrumento de linguagem e, de alguma maneira, se torna as mãos de quem esteve muito tempo acorrentado.

O objeto principal da nossa pesquisa será a questão da loucura, a análise de sua história, a maneira na qual foi conceituada e adjetivada pela sociedade e quem, através dos registros médicos, o internamento buscou enclausurar e, através disto propor a questão: de que maneira um modelo alternativo de tratamento, alinhando as Artes, a Psiquiatria e a Filosofia, podem ressignificar o internamento e conduzir os pacientes à construção de sua própria existência?

Por conseguinte, os objetivos secundários trabalhados neste projeto serão: apresentar uma crítica ao sistema da razão que, ao longo da Idade Clássica, manteve o papel de silenciar os corpos e mentes dos indivíduos considerados “irracionais” e desse modo, domesticá-los em uma unidade de ser no mundo. Além de denunciar a moral cristã na Idade Clássica que buscou, alinhada à medicina surgente, efetivar a sujeição e o controle dos indivíduos considerados “malditos” ou “libertinos” a serem conduzidos a uma patologização das suas vidas e conseqüentemente, ao enclausuramento pelo internamento. Por fim, o trabalho busca apontar o papel essencial da “Arteterapia” ressignificando o internamento através de um modelo de tratamento alternativo e humano que auxilie na comunicação e expressão dos pacientes e os direcionem para a construção de sua própria existência fora de uma categorização meramente patológica.

Cabe aqui demonstrarmos o interesse em resgatar, junto a Michel Foucault e outros (as) pensadores (as), a complexidade que pulsa e movimenta o artista do caos, aquele que permite se confrontar com o caos, ou seja, com as situações limite que o

impulsiona para continuar se construindo e se desconstruindo, alternando-se a medida em que o atrito entre a conduta moral estabelecida e a sua subjetividade se chocam.

Conforme citado, essa diversidade que permeia as relações dos indivíduos consigo e com os outros, são peças importantes para pôr a prova determinadas verdades e saberes pois, na busca pela transcendência, ou seja, na solidificação desses saberes como marcas incorrigíveis ou mesmo, conceitos alienáveis na história, exprimem ainda que um pouco invisível para a maioria, certas contradições e mecanismos para reprimir o papel da subjetividade nas pessoas.

Cabe então ao corpo que se afirma não somente como personalidade, mas, também como força criativa, reivindicar esses espaços de produção de sua própria liberdade. As referências aqui mostradas e acima disso, das vivências evidenciadas nesse percurso genealógico, buscarão traçar os caminhos alternativos para práticas de si; visando no trabalho do conhecimento de si, ou seja, através de uma maneira questionadora e desapegada de se impor em sociedade, sua resposta ao poder que os oprime.

## **2. O INDIVÍDUO ENCLAUSURADO: ENTRE A LEI E A ORDEM DA RAZÃO**

*(...) A loucura... era até agora uma ilha perdida no oceano da razão; começo a suspeitar que é um continente.*

*Machado de Assis*

De acordo com Michel Foucault “O saber não é feito para compreender, é feito para cortar” (FOUCAULT, 1979, p. 28). Podemos perceber no decorrer de suas obras, uma inquietação, não somente em relação às concepções sobre a loucura, o poder e a sexualidade em si, mas, como estas concepções causaram em nosso mundo até hoje e onde isto se localiza no pensamento e nos corpos dos indivíduos.

Em sua primeira obra intitulada História da Loucura na Idade Clássica, Michel Foucault começa por fazer uma análise do tema loucura, enfatizando que nessa época, na Idade Clássica, não havia uma preocupação em buscar questionar a origem nem suas implicações na sociedade.

Nosso filósofo se utilizou de dois campos de pesquisa, a arqueologia e a genealogia para nortear seus estudos filosóficos e explorar no mundo dos artefatos, o que se deixa ultrapassar aos nossos olhos e que acabamos por não questionar em nossos discursos. Nesse contexto, conforme Foucault, é necessário fazer uma “história crítica da verdade”, reconhecendo que a História não se trata apenas de meros fatos que se sucedem, mas através de sua análise podemos pontuar dispositivos que transmitem as formas que se deram as relações que nos permeiam e como essas interpretações sobre o indivíduo foram criadas e moldadas.

Deste modo, Michel Foucault analisa as entrelinhas dos discursos, marca os acontecimentos e as mudanças históricas para que as curvas e as transformações possam ser visualizadas de maneira mais detalhada e crítica. O poder, como ele irá mostrar, é o mote que suscita a curva e empurra as relações sociais em um misto de “verdades terminais”; estas técnicas de poder se estabelecem para calcificar saberes, práticas e instituições. De acordo com o filósofo:

Meu problema não foi absolutamente de dizer: viva a descontinuidade, estamos nela e nela ficamos; mas se colocar a questão: como é possível que se tenha, em certos momentos e em certas ordens de saber, essas mudanças bruscas, essas precipitações de evolução, essas transformações que não correspondem à imagem tranquila e continuísta que normalmente se faz? (FOUCAULT, 2012, p.31).

Podemos compreender que Foucault percebe alicerces muito bem-dispostos que produzem nossos corpos, nossos gostos; um poder positivo, no sentido de afirmar, de fazer acontecer as percepções que temos acerca do mundo e não apenas dizer não. Permeando as relações sociais, induzindo práticas e formando discursos é assim, que ele percebe as engrenagens do poder. O discurso persuade, cria mundos, constrói barreiras que impedem que a subjetividade se desenvolva de maneira fluida. Portanto, enquanto existem indivíduos buscando esse enfrentamento para conhecer a si e aos outros, existem também modelos padronizados servindo como instrumentos para agenciar os corpos e produzir um conhecimento uniformizado.

## **2.1 RAZÃO E DESRAZÃO**

Michel Foucault foi muito criticado na época do escrito *História da loucura na Idade Clássica*, pois, à época, não se entendia que na loucura poderia haver uma história. Ao contrário, o que se encontrava nas definições morais, médicas e jurídicas era a de certo saber sob este objeto, saber este que impregnado na natureza humana do indivíduo, ou seja, simplesmente fruto da sua estrutura biológica, cristalizada em uma definição patológica. Em entrevista para o jornal “*Les Lettres Françaises*” o pensador, menciona:

Assim, para que no final do século XVII se abrissem os grandes centros de internação em toda a Europa, foi preciso um certo saber da loucura oposta à não loucura, um saber da ordem e da desordem, e eu quis interrogar esse saber como condição de possibilidade dos conhecimentos, das instituições e das práticas (FOUCAULT, 2012, pp.138-139).

Assim, mediante o solo infértil da Psiquiatria já estabelecida como dogma e de um intenso programa de medicalização estava a loucura sob a qual Foucault lançou suas principais problemáticas, buscando através de um olhar ao passado o estudo e reflexão minuciosos da relação controversa entre razão e desrazão.

Nomeamos de relação controversa, pois como ele irá mostrar, a loucura estará sujeita à uma força que diz não e, ao mesmo tempo, afirma e produz saberes apesar de suas descontinuidades históricas, mantém-se enraizados em um único papel: buscar suprimi-la, dominá-la, curar seus excessos.

O louco é personagem indecifrável que tende a ser moldado conforme a cena em que se encontra. Nos períodos históricos que correspondem à Idade Média e o Renascimento, sua existência será narrada de modo dividido, onde a performance se fragmenta, afirmando um certo caminho que se alastra e promove curvas em contato com a cultura e com certas “verdades”. Na Idade Média até parte do Renascimento, o louco se encontrava como figura do cotidiano da cidade; dentro da sua própria linguagem estava conectado ao mundo e tinha o papel de trazer para o consciente, discursos que grande parte da sociedade hesitava em expressar. O desatino era interpretado por uma ação, discurso que aproximava o ser humano de sua mortalidade; significava um enfrentamento com a morte, uma realidade que todos buscavam se distanciar, mas, o desatinado, o considerado louco tinha o papel de retirar esse véu de ilusão.

A loucura é mencionada de forma lúdica, transpondo significações a seu respeito na literatura e nas artes de uma figura que é capaz de proferir verdades através do delírio, do devaneio. Sua experiência será mencionada de dois modos, como aquele que tem

acesso aos conhecimentos divinos e esotéricos, ou seja, assim temos um modo o desenvolver de uma consciência entre o que é fantasia, mistério, e outro modo, o erro da desrazão ou falha de conduta moral.

A loucura era socialmente aceita por este papel que cumpria dentro da sociedade da época, papel específico que irá refletir nas artes, na literatura e no teatro. Miguel de Cervantes é um exemplo de escritor que traduziu a maneira pela qual a loucura era interpretada pela Renascença. Dom Quixote tem a loucura, sua linguagem e performance, nunca aceita e muito menos livre da interpretação e olhares julgadores, se encontrava na Idade Média romantizada, banhada em um limbo ilusório e misterioso.

Mesmo não se atrevendo a mencionar qual era a falta diante da razão, ainda assim a dita loucura será aprisionada nos antigos leprosários junto aos doentes venéreos, tomando para si a nova face da peste, da blasfêmia, do pecado e por fim, da *doença*. Foucault no prefácio da História da Loucura na Idade Clássica faz uma comparação interessante quando pontua a semelhança do discurso que a Igreja mantinha acerca dos leprosos com a maneira que os considerados loucos serão tratados:

Se se retiraram os leprosos do mundo e da comunidade visível da Igreja, sua existência, no entanto é sempre uma manifestação de Deus, uma vez que, no conjunto, ela indica sua cólera e marca sua bondade [...] O pecador que abandona o leproso à sua porta está, com esse gesto, abrindo-lhe as portas da salvação. O abandono é, para ele, a salvação; sua exclusão oferece-lhe uma outra forma de comunhão. (FOUCAULT, 1978, p. 6)

O louco era errante em seu próprio lugar de origem, abandonado, aquele representado em vastos horizontes em que se movimentava sem alcançar um ponto de chegada. Ainda que não acorrentado pelo internamento, porém, era permitido a este apenas o direito da eterna partida; sua vida era destinada a permanecer dentro de uma prisão em si mesmo. As ruas, as estradas, representavam os caminhos abertos e livres dentro do próprio signo da loucura até o final do século XVI causar a primeira ruptura e, impor a essa figura dada a liberdade, o lado do internamento.

A Loucura passa a se integrar em outra unidade específica para a sociedade renascentista, unindo-se a outras práticas e com isto, preenchendo o lugar do isolamento. Dessa forma, Foucault passa a destrinchar na analítica do poder sob como a loucura será construída; o filósofo une as pontas e percebe que essa dualidade de signos sob a loucura posteriormente suscitará, na Era Clássica, uma ruptura em nome do silenciamento. Diante



disso, tudo o que foge de certa ordem será mantida como marginal, ou seja, até o momento em que será apreendida pela experiência social.

A Era Clássica é responsável por colocar um saber em detrimento do outro, como máxima e discurso de coação; a loucura perde seu poder de enunciar verdades, reflexões e passa a ser caracterizada dentro do solo limitante do enclausurado, calcificado. Este é o universo que o autor vai escavando e retirando de onde a loucura se encontra aceita para fazer a crítica. A relação entre razão e desrazão surge em diferentes realidades, se incluindo em diversos cenários e práticas, porém, o que esta época mostrará, é um conflito entre duas forças, de modo que, o que é caracterizado como desatino se mantém como consciência alienada e inaudível.

Diante disso, Foucault percebe que o apelo da hegemonia da época estava em higienizar a cidade e a moral, colocando assim o internamento como o mecanismo perfeito para separar a razão da desrazão. Esse método de exclusão leva consigo o importante papel de transferir para a definição de loucura os considerados desordenados e incapazes de obedecer a um controle social estabelecido.

A miséria é condenada – diferenciando-se da miséria que representava um poder divino ou a presença de Deus -, a libertinagem e tudo o que fugirá da moral da família também, se assemelhando cada vez mais a loucura através do internamento. De acordo com o filósofo:

Num certo sentido, o internamento e todo o regime policial que o envolve servem para controlar uma certa ordem na estrutura familiar, que vale ao mesmo tempo como regra social e norma da razão. A família, com suas exigências, torna-se um dos critérios essenciais da razão; é ela, sobretudo, que pede e obtém o internamento (FOUCAULT, 1978, p. 102).

É a partir do século XVII que as ideias de René Descartes sobre o “cogito, ergo Sun”<sup>1</sup> serão cada vez mais aceitas e a sociedade clássica será submetida aos conceitos de homem moderno, criando-se as dicotomias entre aquilo que é “formal”, “ordenado” e o “desordenado”, “anormal”.

A figura do louco, antes conhecida através de adjetivos ainda primitivos e naturais fora realocada as interpretações que emergiam na época com o advento do Racionalismo

---

<sup>1</sup> “Penso, logo existo”. Para Descartes o homem moderno é caracterizado por *res cogitans* (consciência) e *res extensa* (matéria) formando assim a oposição entre corpo e mente. A desordem mental é a anormalidade.

e Iluminismo<sup>2</sup> na Filosofia. É transposto às categorias do louco, aquele que não se adequa a norma e, portanto, não possui a faculdade do pensar; anteriormente vista ainda de forma abstrata.

Para aqueles que não se adequa a forma, passa assim, a ser apreendida na realidade social designando o LGBT, o libertino, “a mulher devassa” e, todo o resto que não se enquadrava no modelo claro e objetivo da moral hegemônica da Época.

Outro ponto chave que Foucault nos mostra é que os discursos que caracterizavam a loucura, tudo aquilo que era visto como desatino e que se manteve apreendido pela experiência social como desordem, encontrará outro saber, um saber que através da medicina surgente impõe aos marginalizados o papel de doentes que necessitam ser curados, lobotomizados.

A Psiquiatria que surgia se apresenta como saber que traz o progresso da ciência e rompe com discursos místicos sob a pele da loucura além de práticas antigas da Renascença. Porém, na realidade o que acontece é apenas uma incorporação do saber da experiência ética - ainda primitiva sobre a loucura, ao saber médico positivista -; não existiu nada além de uma renovação na ordem já estabelecida. Uma consciência médica responsável por efetivar a forma que os sujeitos são tratados pela sociedade, efetivar discursos e práticas além de instituições vai se solidificando.

O que se pode perceber é que a loucura nunca foi realmente estudada como se deveria, ou seja, longe de uma série de concepções prontas sobre o ser humano, ao contrário, fora sempre colocada à margem, em um dado momento ignorada e em outro, colocada como sendo importante apenas para o enclausuramento.

O internamento - produto do poder que se afirma -, é normalizado cada vez mais pelo século XVIII, entretanto, aqueles que se mantêm enclausurados, tomam o lugar oposto da cidade, também o lugar do erro, ou seja, fora do convívio social. O corpo que era “tocado” por esta chaga passaria por um longo protocolo para fazer nascer o desconhecido em si, isso se dava por meio da constante vigília, dos transtornos e práticas que o internamento impôs aos considerados loucos, como Foucault mostra:

Este gesto tinha, sem dúvida, outro alcance: ele não isolava estranhos desconhecidos, durante muito tempo evitados por hábito; criava-os, alterando rostos familiares na paisagem social a fim de fazer deles figuras bizarras que

---

<sup>2</sup> O Racionalismo é uma corrente filosófica que enfatiza a faculdade mental como essencial para apreensão do conhecimento como verdade. Dessa transformação surge o *Iluminismo* como movimento na França defendendo também a ruptura com o poder eclesiástico.

ninguém reconhecia mais. Suscitava o estrangeiro ali mesmo onde ninguém o pressentira. (FOUCAULT, 1978, p. 96)

Neste ato de misturar personagens distintos em uma mesma definição, será realizado de maneira efetiva o projeto que visa puni-los pelas faltas cometidas a razão. Reúnem-se quatro grupos entre os portões do internamento: os loucos, os devassos, os libertinos e os miseráveis. É dessa maneira que a sociedade burguesa da época acreditava em poder higienizar a cidade e, limpar da moral hegemônica os indesejados.

## **2.2 ENTRE OS MUROS DO INTERNAMENTO: A DOMESTICAÇÃO DO “NÃO-SER”**

Ao adentrar na estrutura que estabelece o internamento na paisagem habitual, há de se perceber a quantidade de tempo que este espaço nos ronda, sorrateiramente, mas, existindo quando era preciso estabelecer a ordem. Foucault aponta a origem do internamento aos antigos leprosários, que mesmo após o fim da peste, continuaram se mostrando de grande valor para separar do convívio os “outros doentes”. É nesse contexto que a face da peste passa a se incluir na da loucura e significar tudo aquilo que é contagioso.

Diante disso, o internamento será cada vez mais efetivado, compondo um projeto de civilidade e relegando ao louco, o personagem que compõe a doença. Os devassos, os miseráveis, alquimistas, homossexuais, doentes venéreos; uma gama de diversidade suprimida na existência quadrada que os manicômios exigiam. Figuras diferentes, mas, que acabavam confinadas em um mesmo espaço coercitivo onde, além de buscar a punição, transformava os rostos à sua maneira. De acordo com o autor:

Estranha superfície, a que comporta as medidas de internamento. Doentes venéreos, devassos, dissipadores, homossexuais, blasfemadores, alquimistas, libertinos: toda uma população matizada se vê repentinamente, na segunda metade do século XVII, rejeitada para além de uma linha de divisão, e reclusa em asilos que se tornarão, em um ou dois séculos, os campos fechados da Loucura (FOUCAULT, 1978, p. 116).

O internamento compõe o espaço em que esses personagens dados ao erro eram amontoados e coagidos a seguirem uma moral predeterminada. Sua origem passa despercebida até o final do século XVII, quando será apreendida pelo saber médico como método científico principal para a “cura”. A Renascença apreendeu estas pessoas sob a

ótica de uma moral punitiva para provocar a extirpação dos instintos considerados blasfemadores e buscava essa cura por meio do flagelo da carne. Torturas, métodos abusivos, atos que suscitavam a desumanização dos considerados loucos; esta era a maneira com que a Igreja, o Estado, a polícia na responsabilidade dos internamentos, entendia a loucura e buscava seu tratamento.

Isto porque, como analisa Foucault em sua obra, o internamento será constituído ao longo do tempo sob a superfície da percepção que a sociedade da época e sua moral dominante terá sobre a loucura. Enquanto na Idade Média o insano ocupava o significado do trágico e fazia parte da experiência humana – mesmo que se mostrando como irreconhecível e por isto, assombrosa; - na Era Clássica ela passará a ocupar o lugar isolado do internamento, limitado por regras e condutas.

Porém, esta ruptura começa a aparecer na Renascença de forma ambígua. A loucura preenche duas práticas e discursos distintos que vão circulando por entre a experiência social, de um lado a experiência trágica da loucura e, de outro, uma loucura maldita e confinada. Estas experiências se encontraram no horizonte do discurso da cidade até o momento em que o saber positivista surge na paisagem.

Dessa forma, a partir daí, não existia mais pensar a loucura sem relacionar diretamente ao internamento, e logo após, aos hospitais gerais e manicômios. A existência das pessoas consideradas insanas para estas instituições punitivas, serão campos diretamente ligados e incapazes de serem percebidos de forma separada.

A loucura, antes percebida através da própria experiência e suscitando a subjetividade, conhece, no mundo real do internamento, o seu freio. Os personagens tomam os rostos de pessoas reais, julgadas no dia a dia, sendo necessário o internamento para agir como polícia e condenar o desatino. Através disso, a loucura será mencionada apenas quando for para colocá-la de lado e priorizar a razão.

O tratamento oferecido aos doentes a partir do século XVII vai de torturas, abusos, até privações de comida e água, celas com condições precárias etc. Há um projeto na Renascença que tem por finalidade trazer à figura do louco uma animalidade e, isto se dará através da maneira pela qual estas pessoas serão tratadas sob a ótica do internamento. Era necessário mostrar que existia dentro de cada figura enclausurada uma falta de humanidade, de civilidade e propor um tratamento que cure essa desordem na alma e no corpo. Portanto, flagelava-se o corpo para curá-lo, uma contradição que somente nesta

época ambígua em relação a forma que a loucura era mencionada e tratada, teria sido capaz de desenvolver. Para Foucault:

O que se passou entre o fim da Renascença e o apogeu da era clássica não é, portanto, apenas uma evolução nas instituições: é uma alteração na consciência da loucura; são os asilos de internamento, as casas de força e de correição que doravante representam essa consciência (FOUCAULT, 1978, p.138).

O internamento nasce antes mesmo do saber médico se apossar e dizer que era a loucura, o seu campo de estudo. Somente no final do século XVIII, com a revolução de Phillipe Pinel, pai da psiquiatria, serão expostas as práticas abusivas que o internamento impôs aos considerados loucos. Phillipe Pinel<sup>3</sup> foi responsável por trazer a questão da loucura para o ambiente médico e buscar um tratamento humanista para as pessoas que o século anterior havia enclausurado em massa. É neste momento da história que acontece o Primeiro Congresso Mundial de Psiquiatria em Paris (1950).

Nesse caso, mudam-se apenas as caras: do internamento ao hospital psiquiátrico. A separação entre o “homem moderno” e o “anormal” acontece na medida em que antes de um saber racional, o considerado louco era posto como o enganado, aquele que se enganava e era designado aos internamentos como forma de banir e suscitar o desconhecido nestas pessoas. Portanto, para Foucault este poder que a sociedade manteve em banir o considerado diferente, foi necessário para constituir este saber positivo que posteriormente se apropriou da experiência da loucura e a manteve facetada de representações.

O universo inteiro da loucura passa do total encarceramento em massa para outra visão, que não se diferencia da anterior, porém, exige à experiência da loucura o título de doença mental. Não se perguntou o que era a loucura para aqueles que a sociedade marcou, apenas deslocaram sua figura para um título próprio do saber científico, mas que, no final das contas recebia o mesmo papel que o século anterior havia colocado, o do silêncio e da renúncia. De acordo com o filósofo:

O que não significa que a loucura recebeu finalmente seu estatuto humano ou que a evolução da patologia mental sai pela primeira vez de sua pré-história bárbara, mas sim que o homem modificou seu relacionamento originário com a

---

<sup>3</sup> Philippe Pinel (1745-1826) foi um Psiquiatra responsável pela primeira revolução na Psiquiatria. Considerado o Pai da Psiquiatria, expôs em seu principal escrito “Tratado médico-filosófico sobre insanidade ou mania” a condição precária dos internamentos no século XVII

loucura e não a percebe mais a não ser enquanto refletida na superfície dele mesmo, no acidente humano da doença (FOUCAULT, 1978, p. 144).

A Psiquiatria passará por três revoluções na sua forma de tratamento aos doentes mentais. A primeira revolução na psicopatologia vem trazendo consigo um discurso que mostra a forma *bárbara* e primitiva *de* “evidenciar” a loucura. Apesar disso, o intuito não foi desencadear um processo contrário ao que havia sido feito pelo internamento até o final do século XVIII, pois, o próprio saber médico que estava surgindo não deixou de constituir relação com a moral. Da primeira revolução até a última, porém, não se nota uma forma alternativa de se lidar com a loucura, mas sim, a busca pelas terapias que apagassem qualquer tipo de discurso e comportamento que se tinha como próprio daquelas pessoas. Coagidos e castigados se hesitassem em cooperar com o tratamento que era realizado, os pacientes dos manicômios viviam um estado de completa correição. A esse respeito afirma o pensador:

Fascinamo-nos com a doença desconhecida, os alienados acorrentados e toda essa população de presos por cartas régias ou solicitações do tenente da polícia. Mas não vimos todas as experiências que se entrecruzavam, nessas práticas, com todas as aparências de uma prática de massa em relação às quais foi possível acreditar, à primeira vista, que eram pouco elaboradas (FOUCAULT, 1978, p. 148).

Muda-se a maneira pela qual a loucura será percebida pelo homem moderno, o homem da ciência – o desatino, esta percepção sob uma loucura que não passa de escolha entre o humano e o inumano. É este significado que ultrapassa os abusos e práticas contraditórias do internamento e que decide ver neste, o lado disforme e contrário à razão polida que se buscava.

Nesse contexto, é visto que a principal revolução que a Psiquiatria promove é trazer para a luz às práticas do internamento, transportar a loucura da natureza humana para a condição humana, mas, no intuito de mostrar sua “chaga” e por isto, seu estado vulnerável. Em um giro de descontinuidades e rupturas históricas que Michel Foucault analisa, ele percebe como a problemática acerca dos hospitais gerais e do tratamento imposto aos internos era bastante atual em uma realidade onde, a Psiquiatria como ciência estava buscando a criação de novos métodos terapêuticos, ganhando o suporte e aceitação necessários e cada vez mais espaço na máxima da verdade. Um produto disso em sua

época, o século XIX, será a intensa promoção a medicalização em massa, sua indústria e comércio.

Foucault não finaliza sua história da loucura: Primeiro porque não era do seu intuito falar pela loucura, mas sim marcar os fatos ou discontinuidades históricas; segundo porque além de perceber estas discontinuidades, ele visualiza o movimento que ocorre nos discursos e, que mostra, por exemplo, o caráter atual da problemática.

### **3. “ABERTURA” DOS PORTÕES DO INTERNAMENTO AOS CONSIDERADOS MALDITOS.**

*Não é só a morte que iguala a gente. O crime, a doença e a loucura também acabam com as diferenças que a gente inventa.*

*Lima Barreto*

Ao longo do século XVII o mundo será palco da maior abertura de internamentos, colônias, sanatórios e asilos. Junto com a revolução industrial, o novo modo de vida capitalista trazia consigo uma ideologia dominante, patriarcal e eugenista se tornando cada vez mais institucionalizada e, alcançando caracteres de legalidade através de discursos e práticas asseguradas pela lei.

No Brasil, início do século XIX em Minas Gerais, na cidade de Barbacena, era inaugurado o Hospital Colônia de Barbacena, uma das sete estruturas fundadas na cidade com o intuito de tratar pacientes considerados loucos. O que ainda não se sabia era que o Hospital Colônia também entraria para a história como um grande exemplo do papel da psiquiatria que ocupava e consolidava-se como um espaço de poder. Somente em 1980, após 77 anos, o manicômio será encerrado, voltando após alguns anos como museu responsável por traçar os acontecimentos no Hospital e denunciar o genocídio aquela população marginalizada. Graças a luta de psiquiatras influenciados pelas obras de Foucault e de outros pensadores que trabalhavam a questão da loucura, a luta antimanicomial no Brasil deu pontapés decisivos para levar a público os horrores que aconteciam na Colônia de Barbacena assim como em outros manicômios remanescentes no mundo todo.

O contexto militar e a herança escravista do país fizeram deste manicômio um campo de concentração no meio do Brasil. Como ficou conhecido, o “holocausto brasileiro” foi responsável por milhares de mortes, tráfico de cadáveres, situações desumanas de vida, torturas, além, principalmente, da mostra mais fiel de um depósito dos considerados a-sociais. Isso porque as 5 mil pessoas que viviam em um espaço que tinha capacidade para comportar apenas 200 pessoas, chegavam a colônia por motivos meramente políticos; era o exemplo de pacientes que eram trazidos por terem perdido documentos, por serem usuários de drogas lícitas ou ilícitas, indigentes, mulheres que engravidavam fora do casamento etc. Como conta a jornalista Daniela Arbex em seu aclamado livro-documentário “Holocausto Brasileiro” em que traz luz aos horrores do Hospital Colônia de Barbacena. Sobre essa questão afirma a autora:

Por isso, a Colônia tornou-se destino de desafetos, homossexuais, militantes políticos, mães solteiras, alcoolistas, mendigos, negros, pobres, pessoas sem documentos e todos os tipos de indesejados, inclusive os chamados insanos. A teoria eugenista, que sustentava a ideia de limpeza social, fortalecia o hospital e justificava seus abusos. Livrar a sociedade da escória, desfazendo-se dela, de preferência em local que a vista não pudesse alcançar. (ARBEX, 2013, p. 23)

A conformidade com a questão da loucura, a normalização das situações na qual os pacientes eram acometidos, se tornava parte da realidade do povo criando em seu vocabulário termos, expressões, que explicavam a dura realidade de quem estava nos manicômios. É o exemplo dos termos: trem de doido e pau de dar em doido<sup>4</sup>. Assim como os judeus levados para Auschwitz pelos nazistas, pessoas de todos os cantos do país chegavam a Barbacena em trens de carga, onde eram despachados na última estação localizada exatamente nos fundos do Hospital Colônia. A expressão “trem de doido” mencionada pela primeira vez pelo escritor romancista Guimarães Rosa no livro “Primeiras Estórias” remete aos trens de carga que levavam as figuras silenciadas para o maior campo de concentração no interior do Brasil. Como conta a jornalista:

O escritor referia-se a Barbacena, descrevendo, por meio do personagem principal, a angústia de um homem na despedida das únicas pessoas que tinha no mundo e que partiriam no trem da solidão coletiva. Sorôco jamais voltaria a ver seus afetos. As famílias dos pacientes do Colônia também não. Ao receberem o passaporte para o hospital, os passageiros tinham sua humanidade confiscada (ARBEX, 2013, p. 26).

---

<sup>4</sup> Expressão do dito popular que significa algo difícil de lidar, algo bruto; expressão que mascara os métodos de tortura acometidos as pessoas em situação de internamento.



A situação do hospital se agravou tanto até não haver condições de controle sob os pacientes nem sob as mortes que aconteciam diariamente pelas péssimas condições na qual se encontravam. Porém, aliado a criação do Colônia houve conseqüentemente a criação de um cemitério para abrigar os corpos daqueles que eram excluídos e marginalizados até mesmo após a morte. O cemitério da Paz, como ficou conhecido, abrigou 60 mil corpos e hoje se encontra completamente abandonado. Quando não havia mais espaço para enterrá-los, os corpos eram vendidos para as grandes faculdades de medicina de todo o país, como foi o caso da UFMG e da UFJF. Além disso, quando a demanda era pouca e os corpos só aumentavam, os guardas apenas os colocavam em baldes cheios de ácido para diluírem-se e venderem as ossadas, isso acontecia no meio do pátio, junto com as outras figuras cadavéricas que ainda resistiam e presenciavam os seus possíveis futuros.

Na ala infantil, crianças eram trazidas para a Colônia por apresentarem algum tipo de deficiência e não condizerem com um status de normalidade expressa pela sociedade, por apresentarem algum tipo de hiperatividade que as famílias - banhadas por um contexto de ignorância, não sabiam lidar. Logo cedo estas crianças experimentavam o contexto do abandono e por não receberem estímulos importantes para o desenvolvimento, não sabiam se limpar, se alimentar, nem mesmo falar. Viviam como bichos porque eram dessa maneira que eram criados.

A questão da loucura nunca foi um simples acidente, mas sim, um projeto muito bem construído e estabelecido. O exemplo do Hospital Colônia de Barbacena, em Minas Gerais, o maior manicômio do país, nos mostra que o que era vivenciado dentro daqueles muros nunca foi um acidente. Tratar pessoas de forma subumana era uma tendência, um costume para puni-los pelas suas “diferenças”.

Michel Foucault assinala em sua tese este projeto de massificação de uma consciência bestializada quando percebe em suas análises dos hospitais psiquiátricos, as figuras distintas, porém, marcadas igualmente pela marginalização, amontoados em uma realidade que provocava a perda do florescer nos processos de subjetivação destas pessoas. O desatino é, portanto, sobreposto aos indivíduos que representavam para a atual sociedade os corpos *imorais*<sup>5</sup>. Mostra o autor que:

---

<sup>5</sup> Etimologia (*im + moral*) aquele que é contrário a uma conduta, regra ou moral estabelecida; indecoroso; vergonhoso.

O louco da era clássica é internado com os doentes venéreos, os devassos, os libertinos, os homossexuais, e perdeu os índices de sua individualidade; ele se dissipa numa apreciação geral do desatino. Estranha evolução de uma sensibilidade que parece perder a finura de seu poder diferenciador e retrogradar para formas mais maciças de percepção. A perspectiva torna-se mais uniforme. (FOUCAULT, 1978, p. 121)

Podemos compreender a imensa influência que o escritor terá na construção de um entendimento maior sob o universo incógnitos das consideradas doenças mentais e suas instituições assim como nas desconstruções presentes em seu trabalho em que busca retirar do altar em que se encontravam - como imagens intocadas -, estes saberes e práticas estabelecidos ao longo de séculos.

A imagem de Foucault, como intelectual e militante assíduo na luta antifascista, representava para muitas pessoas, o desejo pela construção da subjetividade já não mais promovida, assim como, de novas perspectivas e análises que abarcassem os anseios e as afirmações que eram defendidas naquele momento.

Em maio de 1973 o filósofo vem ao Brasil em sua segunda vinda para um circuito de palestras, é em Belo Horizonte, capital mineira no Hospital Espírita André Luiz que Foucault encontra diversos estudantes e pesquisadores (as) da área da psiquiatria. Nesta época o Brasil e o mundo passavam por um contexto político extremo marcado por ditaduras, obscurantismo e por muitas revoltas sociais. A palestra ministrada por Foucault era por si só uma afronta ao regime militar da época que mesmo ainda não se caracterizando com ares mais perversos e antidemocráticos, como foi a partir da instituição do AI-5, entoava o medo a população e pressionava aos intelectuais da época um recolhimento maior em suas opiniões e indagações. Como escreve José de Anchieta Côrrea em artigo intitulado “Na companhia de Foucault”:

Sobre a situação política, em público, como visitante estrangeiro, somente indiretamente abriu caminho para a reflexão. Todavia apenas a presença daquele intrigante e instigador homem de ciência e mestre de vida e pensamento, portador de um discurso literário, crítico, sem censura, já contribuía para o apressamento da marcha a favor das mudanças políticas que necessariamente haveriam, cedo ou tarde, de acontecer em nosso País (CORREIA, ~~abr.~~ 2018, p. 339).

Na palestra Foucault abdica do papel de palestrante rpara ouvir as pessoas presentes, suas experiências, e através disso abrir um debate que suscitasse a discussão reflexiva acerca da loucura.

### 3.1 PODER E SUJEIÇÃO DOS CORPOS “IMORAIS”.

O “grande enclausuramento” segundo Michel Foucault, demonstra uma ruptura histórica marcada pelo desejo por caracterizar e apreender saberes acerca da loucura que até o século XV, - não havia certa preocupação nem lugar específico -, encontrava-se ainda de maneira “polimorfa”, ou seja, compreendido de diferentes maneiras. A Era Clássica será responsável por caracterizar e impor a certas figuras a este lugar característico do enclausurado, do “prisioneiro”. Para o autor, enquanto no século XVII o corpo do monarca correspondia a uma realidade política e importante para o funcionamento da monarquia - eram postos ao Rei diversos exercícios e terapêuticas essenciais para tornar aquela figura sempre transparente, com a queda da monarquia cria-se a ideia de um corpo social, o corpo único da República. Dessa forma, a sociedade passa a ser o novo parâmetro para o mantimento da ordem; os exercícios e terapêuticas que antes pertenciam somente ao rei, passam a designar a rotina da própria sociedade, como o autor mostra: “em lugar dos rituais através dos quais se restaurava a integridade do corpo do monarca, serão aplicadas receitas, terapêuticas como a eliminação dos doentes, o controle dos contagiosos, a exclusão dos delinquentes” (FOUCAULT, 2012, p. 145).

A relação que a dita loucura constrói com os parâmetros da época estarão fundamentados primeiramente em uma relação da sociedade e sua moral, com o que é aceito e com o que é omitido no direito à própria existência. Logo após, a medicina social irá apreender a loucura como uma questão de saúde pública, propondo políticas de distanciamento e caracterizando-a como doença e problema do Estado. Dessa maneira devem ser mantidos espaços coercitivos no intuito de eliminar possíveis desordens e limpar a cidade do mal.

Para compreender a relação sociedade, espaço e saber, Foucault acaba apresentando um conceito denominado *heterotopia*<sup>6</sup>, significando o espaço do outro. De acordo com ele, nossa sociedade existe em espaços que operam de maneira não

---

<sup>6</sup> A *heterotopia* (aglutinação de hetero = outro + topia = espaço) espaço outro, descreve lugares e espaços que não atendem sob uma determinada condição hegemônica, também aparece como conceito na Medicina para exemplificar quando há deslocamento ou “anormalidade” de algum órgão ou parte do corpo, presença de tecido em uma região não habitual. Para Foucault a heterotopia explica lugares e espaços que existem dentro de diversas significações, muitas delas em relação a outros e, por isto, sua complexidade não pode ser identificada superficialmente.

hegemônica, atuando em meio a diversas significações, estados e complexidades. Os espaços sociais para Foucault são múltiplos, diversos, repletos de texturas e formas distintas. Com o advento do racionalismo e sua busca pela unificação de determinados saberes em um corpo social, o espaço também vai ficando cada vez mais engessado em uma unicidade e isto, reverberando na maneira como o diferente será tratado. O espaço do outro será cada vez mais suprimido, murado pelo espaço daquele que se opõe a diversidade, na busca por criar uma sociedade utópica, ou seja, propondo a idealização de uma cidade perfeita, mas, que não consegue existir na realidade de fato. Diante disso, na tentativa de recriar na realidade esta visão utópica, de um espaço ordenado e homogêneo, a sociedade acabou por determinar espaços responsáveis pela limpeza e categorização dos indesejáveis, dos malditos.

Foucault irá trabalhar com esses espaços renegados no intuito de compreender as relações de poder que imperam e modificam a sociedade. Os manicômios, apesar de suas diferentes conceituações e complexidades, se tratam destes espaços que junto às prisões, enfermarias, asilos entre outros espaços coercitivos de poder, reunirão ao longo do tempo prostitutas, homossexuais, “desafetos do rei”, miseráveis, doentes venéreos, idosos e toda uma gama de diversidade desprezada e marginalizada. Na concepção do autor:

Ao inventar, na geometria imaginária de sua moral, o espaço do internamento, a época clássica acabava de encontrar ao mesmo tempo uma pátria e um lugar de Redenção comuns aos pecados contra a carne e as faltas contra a razão. A loucura começa a avizinhar-se com Pecado, e é talvez aí que se estabelecerá, por séculos, esse parentesco entre o desatino e a culpabilidade que o alienado experimenta hoje, como sendo um destino, e que o médico descobre como verdade da natureza. (FOUCAULT, 1978, p. 87)

O corpo social que afirma existir e ser fruto de um pensamento único, inteligível e de uma consciência coletiva natural, na verdade foi formulada a força, submetida a sociedade, criada e agenciada de maneira artificial. O corpo social foi um projeto hegemônico para superação das diversidades, da diferença, do outro. O que foge do que é aceito por esta dita consciência coletiva sofrerá ataques e apontamentos acerca de sua possível falha a “harmonia” defendida pelo Estado.

A *heteretopia do desvio*, segundo Michel Foucault, explica os espaços promovidos para a agregação dos corpos malditos, das consciências desviantes. Espaço de culpabilização, punição e tortura do desatinado que molda suas relações consigo e

com os outros sempre a partir de um jogo de dominação. Dentro dessa ótica de dominação o saber científico será promovido e propagado como máxima, para Foucault “[...] numa cultura e num dado momento, nunca há mais que uma episteme, que define as condições de possibilidade de todo saber. Tanto aquele que se manifesta numa teoria quanto aquele que é silenciosamente investido numa prática” (FOUCAULT, 1999, p. 230) isso significa dizer que o saber será determinado sob práticas e discursos responsáveis por comandar e efetivar os corpos à sua maneira nunca de maneira singular, mas, alterando-se entre si.

É importante ressaltar que a episteme para ele não se trata de um corpo inteligível, idealizado, ou uma concepção transcendental, mas sim de determinados saberes entre tantos outros que acabam por tomarem para si o papel de consciência única e verdadeira e, apreendendo-se de conceituações e nomeações fixas, de um papel dominante naquele dado momento, deixa uma marca histórica importante para serem reconhecidos e analisados no processo arqueológico.

Foucault nos apresenta uma análise acerca dos mecanismos existentes para sujeição dos corpos desviantes, propondo posteriormente que esta sujeição também é estabelecida pelo século XVII quando coloca a loucura e a doença mental como parentes muito próximos, ou seja, termos que anunciam a mesma linguagem, uma linguagem que será considerada proibida e por isto, excluída. Todo modo de pensar diferentemente, a bruxaria, as consideradas libertinagens, a dita blasfêmia dentre outros exemplos, serão denominados por esta linguagem sempre negada, e incompreendida da loucura.

É através destas determinações que Foucault expõe como interditos da linguagem, que a literatura estará cada vez mais próxima de uma linguagem que não tem mais o papel de enunciar a verdade, mas, anunciar um fazer literário que não condiz com norma nenhuma. De acordo com o autor, vemos com Freud o último interdito de dominar as concepções em relação à loucura, quando esta se apresenta como linguagem que enuncia em si apenas a forma na qual se apresenta, ou seja, somente anuncia sua própria língua. Percebe-se que a ideia de transpor a figura da loucura para um esquema cheio de significações comuns, banais do cotidiano, é, portanto, um depósito vazio para dar sentido ao que nem sabemos sobre a experiência da loucura. A prática lírica que se engrandece de possibilidades dentro da loucura perde seu papel, apaga-se completamente para dar lugar a uma linguagem esquematizada e agenciada pela razão médica.

### **3.2 MORAL HEGEMÔNICA E MEDICINA SURGENTE EFETIVANDO O ENCLAUSURAMENTO.**

Em suas indagações, o filósofo demonstra uma certa preocupação com a análise acerca da loucura e dos signos marcados ao longo dos séculos como uma tatuagem na história. Em meio ao espectro de sua realidade, os estudos de Foucault o levaram a questionar a maneira pela qual a loucura seria reconhecida em tempos futuros, quando a medicina, a conhecida medicina social, estivesse ocupando um papel totalmente apreensor da loucura como uma afecção orgânica, doença mental, puramente patologia tratável ou não. O que poderá acontecer, e que está acontecendo, para o autor, é uma perda completa de uma relação do ser consigo mesmo, com uma parte que não se limita no espaço coercitivo da cidade higienizada. A medicina surgente e a psiquiatria, administradoras e responsáveis pelo desaparecimento da desordem, instituem-se em estruturas formuladas e estabelecidas, como um instrumento do positivismo. De acordo com isto, assinala o pensador:

Estamos neste ponto, nesta dobra do tempo na qual um certo controle técnico da doença recobre mais do que designa o movimento que fecha sobre si a experiência da loucura. Mas é esta dobra justamente que nos permite desdobrar o que durante séculos permaneceu implicado: a doença mental e a loucura – duas configurações diferentes, que foram juntadas e confundidas, a partir do século XVII, e que se desenlaçam agora sob nossos olhos, ou melhor, em nossa linguagem. (FOUCAULT, 1999, p. 213)

Diante das questões apreendidas por Michel Foucault percebe-se também a denúncia clara sobre o desaparecimento de uma relação condenada e subtraída ao erro que poderia ser extraída da loucura, sem os adjetivos de doença mental ou mesmo demência, uma relação do ser consigo mesmo, com sua possível verdade. A loucura terá se fechado completamente em si mesma, como discurso e prática irreconhecível, aberta apenas no horizonte social como uma mágoa, uma ferida exposta da nossa experiência humana no mundo.

Através da medicina, não reconheceremos a loucura em suas possibilidades existentes, somente sua redenção ao altar da razão e seus ídolos conforme posicionados para atuar de acordo com papel do temor, da doença e da coerção. Apesar disto, não será

possível desaparecer com o que a loucura traçou em seu papel subversivo, suas linhas contrárias e tortas sob o solo que foi calcificado. Serão apenas alguns fantasmas percorrendo os discursos e ações de quem ousar revirar seus signos, seus lugares. Ainda teremos a presença, segundo Foucault, de uma inquietação muito singular que percorre os caminhos e traça um pouco da nossa liberdade – apesar de não nos determos a busca destes processos em nossa vida. Isto porque o internamento nunca deixou de atuar, mesmo depois de considerado o seu fim, este mecanismo de sujeição e repressão continuou existindo por entre a paisagem, agora do hospital.

A psiquiatria, no entanto, promovendo-se como uma nova saída e um novo modelo de tratamento, serão responsáveis por aterrar ainda mais a visão distorcida da loucura em seu papel firmado. Sendo assim, Foucault torna mais clara a visão da Psiquiatria como um projeto fundamental de manutenção de uma estrutura construída historicamente a fins puramente coercitivos e de organização social. Ao contrário de como a psiquiatria se coloca, ou seja, subvertendo uma ordem radical através do seu interesse pela apreensão da loucura como uma questão de saúde, o que acontece nada mais é que uma atualização das técnicas e práticas que sempre estiveram ligadas entre o internamento e a função médica visando o seu aprimoramento e eficácia.

Em uma campanha divulgada pela revista *Change* em 1977, para a libertação de Vladimir Borisov – preso político pela URSS em manicômio, Michel Foucault e outros intelectuais da sua época manifestaram duras críticas e uma incisiva reflexão acerca do papel da Psiquiatria como instrumento de efetivação do poder. Foucault expõe em sua fala que, grosso modo, a psiquiatria desenvolve através do internamento um intenso papel ao Estado que busca manter uma determinada ordem social. Portanto, os hospitais psiquiátricos serão alternativas eficazes para agir de forma rápida e concreta sob a liberdade dos seres humanos, a exemplo dos Estados Unidos que efetivava em suas terapêuticas o uso da lobotomia e, da União Soviética que reformula os antigos campos de trabalho forçado chamados de Katorga em Gulags para qualquer um que se opusesse ao estado. Esta função que o internamento ocupa de maneira direta junto ao aparelho repressor do Estado - a polícia -, Foucault analisa que, sempre existiu uma relação, mesmo que invisível, constituindo uma determinada visão acerca da psiquiatria e sendo responsável por efetivar práticas de produção e repressão dos corpos subversivos.

A Psiquiatria se efetiva com mais veemência a partir do momento em que encontra um solo fértil para se estabelecer seja pela igreja, seja através da ciência. Entre uma

revolução e outra, encontra dentro do saber médico a veracidade científica que necessita para se efetivar dentro do internamento. De acordo com Foucault, este solo calcificado pela Psiquiatria e o saber médico se dá através de uma intensa publicidade e propaganda na época, posicionando a figura do psiquiatra como extinguidor da desordem. Deste modo, a psiquiatria seria a área responsável por limpar da sociedade personagens que não condiziam com a norma, os corpos desviantes. Em meio a uma realidade tão limitada e infértil, surge à psiquiatria metamorfoseada de um renascer possível. Por essa razão o filósofo denuncia:

Era isso, uma operação de justificação, com respeito a um projeto psiquiátrico que aparece, muito claramente, nas revistas da época, e nos discursos dos psiquiatras: a sociedade encontra, por toda parte, uma massa de problemas, na rua, nas profissões, na família etc., e nós, psiquiatras, somos os funcionários da ordem social. Cabe a nós reparar essas desordens. Somos uma função de higiene pública (FOUCAULT, 2010, p. 128).

Portanto, a Psiquiatria surge como um instrumento de higienização social, ou seja, ela abarca as questões relativas à sociedade e saúde muito antes do saber médico inaugurar-se sob o horizonte visível do saber. A medicina social, como mostra Foucault, será chave importante para o século XVIII construir juntamente ao modelo capitalista, um poder que buscava agenciar, modificar, transformar não somente as consciências individuais, mas, os seus corpos.

~~Michel~~ Foucault nos mostra que, apesar do que se encontrava calcificado em torno das concepções acerca da origem da Medicina mostrando o exemplo das medicinas antigas gregas e egípcias como detentoras de saberes estritamente coletivos, até o final da Idade Média, a medicina era essencialmente individualista e, que ainda não existia a relação entre ela e o hospital, como encarnes de um mesmo método ou máxima terapêutica vangloriada pelo século XVIII. Essas duas vertentes, mesmo que um tanto distintas uma da outra, farão parte de um mesmo processo e, como afirma Foucault, estarão presentes na construção das políticas de saúde moderna assim como, da apreensão de uma noção médica para fins puramente políticos e econômicos. A medicina como agente transformador da realidade, se estabelece através de discursos e práticas que planejavam a vida de cada indivíduo da sociedade, autorizando o exílio dos corpos desviantes e a planificação dos perímetros urbanos. Desse modo, para autor:



O controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo. Foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade biopolítica. A medicina é uma estratégia biopolítica (FOUCAULT, 1979, p. 144).

A medicina social como medicina do Estado, surge primeiramente na Alemanha em meados do século XVIII, como expõe Foucault, em razão de guerras, contextos políticos e econômicos que forçam a Alemanha a estudar de forma mais abrupta sua organização em sociedade e estabelecer planos em que colocava a medicina e o saber médicos como protagonistas no processo de arranjo e distribuição social. De acordo com o filósofo, eram determinadas pelo Estado aos médicos, as suas próprias formas de organização em relação ao saber médico; desta forma, ficava a critério das corporações médicas no que diz respeito as formações nas universidades e aos diplomas distribuídos.

Logo após, Foucault nos mostra que a preocupação do Estado e da medicina social se amplia a questão das cidades, da urbanização. Em meados do século XVIII na França, surge uma inquietação em relação a unificação do tecido urbano, em sua homogeneidade, para que fossem estabelecidas determinadas disciplinas visando aplanar a sociedade da época. Isto por alguns motivos principais: para uma organização e administração dos recursos de maneira que o Estado estivesse a par de todas as relações comerciais existentes, além de um contexto político que ameaçava o Estado por revoltas e pela organização da classe trabalhadora. Isto requeria ao Estado juntamente com a burguesia da época um plano de organização social que se desenvolvia muito alinhado as políticas de organização médica contra a peste. Como mostra o pensador:

Houve fundamentalmente dois grandes modelos de organização médica na história ocidental: o modelo suscitado pela lepra e o modelo suscitado pela peste. Na Idade Média, o leproso era alguém que, logo que descoberto, era expulso do espaço comum, posto fora dos muros da cidade, exilado em um lugar confuso onde ia misturar sua lepra à lepra dos outros [...]. Em compensação, existe um outro grande esquema político-médico que foi estabelecido, não mais com a lepra, mas contra a peste. [...] O poder político da medicina consiste em distribuir os indivíduos uns ao lado dos outros, isolá-los, individualiza-los, vigiá-los um a um, constatar o estado de saúde de cada um, ver se está vivo ou morto e fixar, assim, a sociedade em um espaço esquadrihado, dividido, inspecionado, percorrido por um olhar permanente e controlado por um registro, tanto quanto possível completo, de todos os fenômenos. (FOUCAULT, 1979, p. 156 a 157)

O filósofo percebe que em dados momentos, ao contrário da exclusão externa dos corpos que apresentavam algum tipo de anormalidade no contexto da lepra, se constitui com o internamento um modelo de vigilância constante e de docilização destes corpos, semelhante ao contexto marcado pela peste. Entre estes dois contextos estarão presentes um programa de urgência criado ao fim da Idade Média e que estava presente em toda Europa em caso de alguma doença, peste ou crise epidêmica se estabelecer na cidade. Neste plano sanitário da cidade encontravam-se regras que toda a população deveria obedecer; que seguiam um regime de vigilância e controle de todos os cidadãos. O filósofo expõe que este plano sanitário será o modelo essencial para a criação das políticas médico-sanitárias e da medicina urbana na segunda metade do século XVIII.

Desta forma, para Foucault, a medicina social primeiro apreende o Estado como objeto de medicalização; depois teremos as cidades e por último ela se utiliza da medicina dos pobres, ou seja, de uma medicina ligada essencialmente às questões de classe, se preocupando do corpo em nível de corpo produtivo ou força de trabalho. A classe operária será apreendida como objeto de pesquisa somente ao final, pois, de acordo com o filósofo, existia até então um papel importante no funcionamento das cidades. Os pobres eram aqueles determinados para a execução das tarefas mais sórdidas da cidade, a exemplo: cuidar e administrar os lixos que seriam despejados fora da cidade ou mesmo reutilizados. Ainda sobre isso, nos informa o escritor que:

Eles faziam parte da instrumentalização da vida urbana. Na época, as casas não eram numeradas, não havia serviço postal e quem conhecia a cidade, quem detinha o saber urbano em sua meticulosidade, quem assegurava várias funções fundamentais da cidade, como o transporte de água e a eliminação de dejetos, era o pobre. A medida que faziam parte da paisagem urbana, como os esgotos e a canalização, os pobres não podiam ser postos em questão, não podiam ser vistos como um perigo. (FOUCAULT, 1979, p. 165)

A partir do século XIX com as revoltas da classe operária e a unificação cada vez maior de suas bases políticas, os pobres vão se tornando objeto de medicalização por parte da medicina social. Michel Foucault analisa o exemplo da Inglaterra que, sendo o primeiro lugar em termos de industrialização, de classe operária unificada, e da separação dos bairros ricos e pobres, a burguesia da época força o estado a criação e determinação de políticas de assistência para os pobres se manterem vivos continuando o projeto de manutenção da propriedade e sem alastrar as doenças e a peste para a classe alta. Portanto, a preocupação por uma assistência médica para os pobres, a apreensão de seus corpos

pela medicina social, serão pautadas primordialmente para a manutenção de sujeitos docilizados, para o completo agenciamento de possíveis corpos desviantes, assim como, para a desinfecção de possíveis contágios às classes ricas da cidade.

Apesar da medicina da força de trabalho ter se tornado um grande sucesso, entre as três vertentes mencionadas por Foucault e onde a medicina social irá se apoiar, estava se constituindo um processo que se solidificaria com o tempo e que permitia a medicina de Estado, urbana e da força de trabalho, um campo propício para se instituir de maneira completa à medicina como uma importante fonte de poder-saber.

Podemos perceber que, dentro deste campo propício, a moral da época alinhada à medicina que surgia a partir do século XVIII com uma força mais abrupta, se apoiando também no contexto capitalista que abarcaria todo o Estado com políticas de saúde assim como, através também de um mercado que buscava a medicalização em massa, constituiu-se uma estrutura que impera ainda hoje sob discursos e práticas difíceis de se dissiparem. Mesmo que as transformações suscitadas pela Medicina sejam bastante visíveis, ou seja, que não demonstrem nenhuma grande transformação, mas sim, a manutenção de um mesmo maquinário ideológico, político e econômico; se encontra como que aceita por toda a sociedade e, escrita como essencial para a efetivação de uma cidade. O hospital se torna a instituição ideal e o médico, aquele que detém do poder, do discurso e da própria verdade.

#### **4. A ESTÉTICA DA LOUCURA: A EXPERIÊNCIA INCOMPREENDIDA**

*A célebre fórmula de Klee, 'não apresentar o visível, mas tornar visível', não significa outra coisa. A tarefa da pintura é definida como a tentativa de tornar visíveis forças que não são visíveis.*

*Gilles Deleuze*

Para que possamos compreender o trabalho de análise e de resgate das experiências em relação à loucura, torna-se necessário, correlacionar diretamente com os próprios estudos de Foucault em torno do discurso e do saber para compreendê-la como uma chave importante para a engrenagem que movimentou e continua movimentando o que se reconhece da loucura como objeto.

Essa relação se desenvolve quando determinadas práticas discursivas se moldam e criam assim, as interpretações que os indivíduos reconhecerão como verdadeiras a respeito das experiências vividas pelas pessoas consideradas loucas. Para o pensador o importante não é somente entender o discurso, mas, o que eles podem causar de efetividade em nossa vida, como pode fragmentar os espaços e nos impor em situações-limite.

Em *Hermenêutica do Sujeito*, o autor se coloca no estudo das interpretações visíveis ou não, resgatando as noções de saber-poder e, como estas noções foram responsáveis por solidificar e determinar as experiências dos indivíduos. Além disso, Foucault propõe um pensamento fora dessa realidade, em torno da criação de alternativas para resistir frente a esse poder. Primeiramente, o filósofo analisa as noções referentes ao “conhecimento de si” e o “cuidado de si” em períodos históricos diferentes. Ele resgata o trabalho do Nietzsche ao propor questionamentos acerca de como os indivíduos irão construir-se em sociedade e de que maneira irão apreender uma determinada verdade, reconhecendo, principalmente, o “valor” histórico da verdade.

Em seu percurso de análise ao “conhece-te a ti mesmo”, Foucault se depara diversas vezes, em diferentes situações e conflitos, com o princípio marcando de forma linear as experiências dos indivíduos, ou seja, determinando a relação que os indivíduos mantêm com a verdade como um princípio além deste mundo, a priori. O que o autor encontra são cortes determinantes capazes de produzir nos seres humanos a renúncia de suas próprias subjetividades. Dessa maneira, o conhecer a si mesmo, implicou na história ao longo dos anos como uma obtenção de uma verdade, reconhecendo o sujeito como uma história pronta que espera apenas ser lida.

Quando Foucault escreve do “cuidado de si” como um processo mencionado pela filosofia grega, na qual se tem Sócrates como o principal mentor, e relaciona com a maneira na qual os seres humanos buscam conhecer, identificar, apreender o mundo ao seu redor, vemos que este cuidado mencionado é um processo terapêutico e de criação lançado para o infinito das nossas relações nos permitindo explorar nossa subjetividade e construir e desconstruir verdades estabelecidas. O cuidado de si busca uma ação, uma atitude que nos imponha a resistir as adversidades deste mundo. Por isso, seu papel é ocupar-se com o agora, com o indivíduo enquanto força latente. Em virtude disso assevera o pensador:

O cuidado de si é uma espécie de agulhão que deve ser implantado na carne dos homens, cravado na sua existência, e constitui um princípio de agitação, um princípio de movimento, um princípio de permanente inquietude no curso da existência. Creio, pois, que esta questão da *epiméleia heautoû* deve ser um tanto distinguida do *gnôthi seautón*, cujo prestígio fez recuar um pouco sua importância (FOUCAULT, 2006, p. 6).

Ao mencionar estes apontamentos, o escritor questiona o porquê desta arte de viver, ter sido, não somente esquecida, mas também deturpada e transportada para um sentido completamente oposto e paradoxal do termo, como menciona o autor (FOUCAULT, 2006, p. 11): “Parece-me que o “momento cartesiano”, mais uma vez com muitas aspas, atuou de duas maneiras, seja requalificando filosoficamente o *gnôthi seautón* (conhece-te a ti mesmo), seja desqualificando, em contrapartida, a *epiméleia heautoû* (cuidado de si)”.

A modernidade foi responsável por transfigurar e também delimitar espaços e saberes às experiências distintas ao saber e a moral escolhida. O termo *epiméleia heautou* passará por uma construção de sentido totalmente nova e intencional, em que se tem uma busca do indivíduo em renunciar a si mesmo, se tornar um ser que apreende conhecimento, mas, não o transforma, não o questiona, não procura afirmar sua própria existência através de um processo ético ou seja, apenas vive para reproduzir o que lhe já foi imposto como um livro sagrado.

De contrapartida a esta maneira de compreender a relação do sujeito com a verdade, Foucault defende o “cuidado de si” como uma experiência estética e espiritual para construir e desconstruir o que nos foi determinado todos os dias através de narrativas diferente rumo a própria liberdade que, não é fixa, pelo contrário, se desenvolve a cada passo que se dá, a cada resistência travada, à medida que nos colocamos e nos sentimos como obras de arte cíclicas e constantes. Por isso afirma ele:

Chamemos este movimento, também muito convencionalmente, em qualquer que seja seu sentido, de movimento do *éros* (amor). Além desta, outra grande forma pela qual o sujeito pode e deve transformar-se para ter acesso à verdade é um trabalho. Trabalho de si para consigo, elaboração de si para consigo, transformação progressiva de si para consigo em que se é o próprio responsável por um longo labor que é o da ascese (*áskesis*). *Éros* e *áskesis* são, creio, as duas grandes formas com que, na espiritualidade ocidental, concebemos as modalidades segundo as quais o sujeito deve ser transformado para, finalmente, tornar-se sujeito capaz de verdade. (FOUCAULT, 2006, pp. 12-13)

Esse movimento cíclico, - que pode ser também relacionado ao “eterno retorno” de Nietzsche – ao mostrar a natureza histórica da verdade, reitera a importância de certo amor ou admiração pelo trabalho de si, pela constante transformação acarretada pelo indivíduo em sua prática que, para Foucault, é uma prática espiritual. Porém, esta prática não se assemelha a nenhuma religião, nem busca de forma alguma dividir mundos, pelo contrário, é uma prática para movimentar e transformar a vida em sua resistência diária. Neste movimento, estamos diante da verdade e ela nos ilumina, e ao mesmo tempo em que está pertencida a nós, também pode nos tirar de um espaço confortável, da nossa zona de conforto, nos impulsionando para poder lidar com as situações através de diferentes ângulos e perspectivas.

Nesse labor experimentado pelo próprio filósofo francês, está outra ruptura que ele percebe, quando a filosofia moderna, como foi dito anteriormente, herda todos os signos que faziam da experiência humana e a verdade, referente às condições possíveis para que o indivíduo tivesse acesso à verdade, fosse apenas através do conhecimento por si só. Assim, todo o papel experimental e vivo que era vivenciado pelo indivíduo nesse processo espiritual é esquecido. Diante disto, e sob condições específicas, a experiência de determinados “personagens” serão excluídas e desacolhidas como experiências legítimas. O “anormal” identificado na experiência de uma pessoa considerada louca será, através de novas condições na relação entre sujeito e verdade, ou seja, o sujeito como aquele que se sujeita, será cada vez mais fomentado pela filosofia moderna ocidental. Como menciona o autor:

De todo modo, porém, é do interior do conhecimento que são definidas as condições de acesso do sujeito à verdade. As outras condições são extrínsecas. Condições tais como: “não se pode conhecer a verdade quando se é louco” (importância deste momento em Descartes). Condições culturais também: para ter acesso à verdade é preciso ter realizado estudos, ter uma formação, inscrever-se em algum consenso científico. E condições morais: para conhecer a verdade, é bem preciso esforçar-se, não tentar enganar seus pares, é preciso que os interesses financeiros, de carreira ou de *status* ajustem-se de modo inteiramente aceitável com as normas da pesquisa desinteressada, etc. (FOUCAULT, 2006, p. 14)

Diante disso, o papel autônomo e livre da prática do pensamento dá espaço para regras e disciplinas responsáveis pelo melhor agenciamento dos indivíduos; a partir daí a reconstrução do ser humano através de técnicas e da coerção será cada vez mais fomentada para que os sujeitos cumpram com um modelo socialmente aceito. A vida se

torna uma pintura que reproduz o mundo como ele se mostra, não há a busca pela compreensão através da desconstrução da realidade, pelo contrário, é uma fase para construir e estabelecer o homem comum, aquele que não está ligado as experiências-limite como forma de se transformar.

No processo trabalhado por Foucault em sua estética da existência, não há uma busca por estabelecer formas e sentidos de ser no mundo, ao contrário, o que existe é um processo que está a todo momento criando, produzindo. O autor propõe uma separação no que concerne a essa estética no sentido em que coloca a transcendência de um lado e a imanência de outro, propondo somente a imanência o papel decisivo na subjetivação dos indivíduos.

#### **4.1 A ARTE COMO EXPRESSÃO DO CUIDADO DE SI**

Para nos guiar no caminho para compreender a arte como uma expressão legítima do ser humano, ou seja, como uma ferramenta de escavação dos signos que criamos para nós mesmos; torna-se necessário mostrarmos a influência de uma grande pesquisadora e arqueóloga, Nise da Silveira (1905-1999), psiquiatra brasileira que trouxe a discussão acerca dos hospitais psiquiátricos e os problemas existentes em suas reformas. A experiência de Nise, desde cedo marcada pela luta e resistência contra a dominação, faz-se extremamente esperançosa de ser mencionada, pois, exemplifica diretamente o estudo de uma vida que buscava a “arte de viver” para si e para os outros, principalmente para aqueles a quem essa arte foi tão negada.

A alagoana esteve em confronto direto com o poder, primeiramente, quando foi presa após denúncia de uma enfermeira na época da “Intentona Comunista” liderado pelo PCB, Nise esteve presa por 18 meses. Após este episódio, Nise e seu marido vivem de maneira clandestina sendo excluída da vida pública e profissional por questões políticas contrárias ao regime. Sua trajetória não acaba até então, voltar a atuar em sua profissão, sendo reintegrada em 1944 ao Centro Psiquiátrico Nacional Pedro II, no Engenho de Dentro. Se mostrando sempre contrária e resistente aos “tratamentos” efetuados pelos médicos e enfermeiros nos pacientes, a psiquiatra logo será realocada para vertentes consideradas menos importantes para o modelo psiquiátrico no Brasil, no caso da terapia ocupacional, sempre muito desprezada por todos. Isto porque não se reconhecia nessas terapias mudanças efetivas e aquele considerado louco não seria nunca incluso na

sociedade novamente, muito menos se reconhecia que estas pessoas poderiam ter uma vida autônoma, pois estes indivíduos passaram por uma total alienação e esquecimento de si mesmos.

A trajetória da pesquisadora no Hospital Psiquiátrico Pedro II ecoará junto do seu nome, uma pesquisa repleta de humanidade, filosofia e estética. É através do seu amor pela arte combinado ao seu trabalho que acompanhava grandes nomes da literatura como Ferreira Gullar, que Nise promove o deslocamento da problemática acerca da loucura, como doença que o mundo deve erradicar, para uma experiência estética de construção e desconstrução do “eu”, um percurso em meio ao caos e ao inconsciente humano no intuito de resgatar-se de alguma maneira sem as determinações impostas pelo maquinário do poder. Uma grande inspiração para Nise da Silveira será o escritor Antonin Artaud<sup>7</sup> na qual ela menciona em seu livro “*Artaud: a nostalgia do mais*”:

Antes de Artaud, nunca alguém conseguiu, por meio de palavra, exprimir com tanta força essas dilacerantes vivências. Pela imagem, sim, que é a direta forma de expressão dos processos inconscientes profundos, muitos o fizeram, e fazem todos os dias, usando lápis e pincéis. Pela palavra, não. Pois a linguagem verbal é por excelência o instrumento do pensamento lógico, das elaborações do raciocínio. E essas experiências, às quais Artaud dá forma por meio de palavras, passam-se a mil léguas da esfera racional. (SILVEIRA, 1989, pp. 10-11)

A pesquisadora alagoana propõe práticas aos pacientes que encontra silenciados pelos traumas das torturas, utilizando a arte como instrumento de linguagem. Dessa maneira, as pinturas seriam uma forma de traduzir sentimentos e emoções tão negligenciados pela Psiquiatria, abrindo espaço para que a loucura pudesse se deixar falar por si só. Inspirada pela psicanálise evidenciada pelo pai fundador Sigmund Freud e também, através do fundador da psicologia analítica Carl Jung - que se debruçavam a estudar o inconsciente, Nise da Silveira propõe ir mais além ao resgatar essa “categoria” e trazer a linguagem imagética para um enfoque maior em seus estudos. As imagens não eram para Nise apenas um ponto de partida em seu trabalho como era para a psicanálise da época, mas, o principal caminho para buscar compreender as experiências que se desdobravam a décadas em manicômios por todo o mundo. Assim, segundo a ela:

---

<sup>7</sup> Antonin Artaud (1896-1948) foi um poeta, ator, escritor, dramaturgo, roteirista e diretor de teatro francês de aspirações anarquistas. Artaud exprime em suas obras as experiências que passou em seus últimos anos de vida nos hospitais psiquiátricos de Paris. De acordo com Nise, a obra do escritor e dramaturgo, mostra um dos poucos registros da experiência da loucura através do campo racional e lógico da linguagem verbal.



Pareceu-me que Artaud referia-se a certos acontecimentos terríveis que podem ocorrer na profundidade da psique, avassalando o ser inteiro. Descarrilamentos da direção lógica do pensamento; desmembramentos e metamorfoses do corpo; perda dos limites da própria personalidade; estreitamentos angustiantes ou ampliações espantosas do espaço; caos; vazio; e muitas mais condições subjetivamente vividas que a pintura dos internados de Engenho de Dentro tornava visíveis (SILVEIRA, 1989, p. 5)

Nise da Silveira faz parte de uma gama de pesquisadores que, assim como Michel Foucault, pensaram a questão da loucura e as experiências obscurecidas por um conjunto de regras, moral e significados, como uma experiência legítima e ética, entendendo-a através de uma maneira de viver no mundo e de lidar com a relação do indivíduo com a subjetividade que esteve presente também em parte da cultura grega em sua filosofia e também em sua mitologia. Portanto, a loucura não poderia em hipótese alguma ser comparada, agenciada, apreendida como objeto pois, o que se diz ser fruto da esquizofrenia, na verdade, corresponde a uma passagem ou, um “estado” que todos os seres humanos podem vivenciar em suas vidas e, que será extremamente importante em nossa história nesse *vir a ser*. Se não somos indivíduos prontos, se até mesmo em nossas histórias encontramos civilizações que pensavam diferente da nossa, então não podemos determinar a vida de pessoas ao cárcere apenas por elas estarem vivenciando esses caminhos. Como menciona o filósofo e professor Cláudio Ulpiano em sua aula sobre “O novo objeto da Metafísica”<sup>8</sup>:

O louco é – exatamente – aquele que vai se perder no caos... o mundo dele se torna um caos! Não há umas expressões que nós usamos muito – “Saiu de órbita! ”; “Foi pro espaço! ” – que é o louco? É exatamente a entrada dele no caos. E o artista é a mesma coisa! Só que o artista vai pensar aquilo – para produzir uma obra. Se nós pudéssemos tornar os nossos loucos artistas, as coisas iriam bem... – mas o que nós fazemos é tornar os nossos artistas loucos: nós invertemos o processo. (ULPIANO, 1989)

Os caminhos percorridos pelas experiências incompreendidas se debruçam diretamente nos jogos de resistências quando as pessoas consideradas loucas permitem-se ir além de suas realidades, quebrar paradigmas socialmente aceitos, propor uma criação de pensamento em que elas têm a autonomia para construir e desconstruir, mostrar, por exemplo, que nossas proposições são criadas e não está esperando serem descobertas,

---

<sup>8</sup> Aula gravada. Disponível em: <https://acervoclaudiuulpiano.wordpress.com/2018/03/20/aula-de-21031989-o-novo-objeto-da-metafisica-2-2/>.

pelo contrário, estão em processo de criação constante e isto significa um caos fluindo consistentemente.

Assim mesmo é o processo de criação do artista e especificamente do artista da geração pós-moderna. Há para ele um intuito muito claro de não condizer com nenhuma regra ou norma específica da classe artística hegemônica que se utiliza de técnicas formuladas e já aceitas sobre as mais diversas artes; o artista pós-moderno se permite usar através de experimentações para produzir sua obra e se reconhecer através dela. Nise da Silveira percebe em seus estudos essa semelhança de relações diretas nos processos de criação do louco e do artista, processos que mostram uma vontade de transgredir a realidade para somente assim conseguir interpretá-la.

Este reconhecimento de semelhanças entre as experiências do louco e do artista é reconhecido por Nise da Silveira e Michel Foucault através da liberdade que está muito além de um conceito pré-definido, seria a liberdade que se manifesta na natureza de todas as pessoas, seria exatamente a entrada do ser humano em seu próprio caos, experimentações que ultrapassam um estado e fazem parte de um constante aprendizado onde os caminhos vão se construindo e se desconstruindo. Assim, como menciona a professora e pesquisadora Maria Veralúcia Pessoa Porto em sua tese “Caminhos da liberdade em Foucault: das relações de poder ao cuidado de si no processo de subjetivação”:

Nesse sentido, a abordagem mais adequada seria a de considerar a liberdade não como conceito definido, mas como as condições que dão significado à existência. Contudo, esse caminho se nos escapa constantemente, uma vez que, na nossa sociedade, a liberdade é constantemente usurpada pelo poder. A manifestação desse descaminho da liberdade é perceptível quando consideramos, por exemplo, o percurso da realização pessoal dos indivíduos. Via de regra, podemos considerar que este não se completa e, mesmo quando os indivíduos, na medida em que acreditam alcançar a liberdade, se esforçam para garanti-la, de súbito se percebem emaranhados, sufocados e amedrontados por forças sociais contrapostas ao exercício da liberdade, que, paradoxalmente, pela manifestação do direito e da lei, suplanta os indivíduos e os oprime. (PORTO, 2017, p. 12)

Percebe-se então que a liberdade é mencionada aqui como uma construção constante, um processo que a todo o momento se renova, pois, caso pensemos em apreendê-la, ela vai se desfazendo, se deteriorando até deixar de existir naquele espaço.

Falar sobre a maneira como Foucault e Nise, imersos em seus próprios estudos e experiências acerca da loucura e da subjetividade, conseguem tornar leve a questão da liberdade, é importante para entendermos também a relevância da experiência da pessoa considerada louca e adiantarmos nossas análises para a relação entre liberdade, experiência da loucura e cuidado de si. O trabalho da psiquiatra brasileira no Hospital Psiquiátrico Pedro II resplandeceu para o mundo uma espécie de resistência frente ao poder ao relacionar elementos importantes para a reconstituição dos indivíduos que se encontravam internados. Essa busca de sentido se relaciona diretamente a maneira como Nise apresenta como sendo a relação do indivíduo alienado em uma condição, com a arte sendo utilizada como uma maneira de sugar desse indivíduo suas confusões, suas sombras, para que ele mesmo possa pensar e analisar sua própria existência. Nesse processo que envolvia a arte como medicamento mais eficaz, os pacientes deixavam de serem sujeitos, ou seja, aqueles que eram submetidos a algo, se tornarem indivíduos autônomos, para serem vistos como seres humanos capazes de pensar sua própria existência tantas vezes negada por um determinado saber-poder.

Nessa perspectiva, Nise consegue mover pela primeira vez a esquizofrenia do campo da patologia, para um campo mais próximo da filosofia e psicologia, ao trazer uma interpretação mais humanizada, experimental e reflexiva para a questão da loucura e propor entender através da arte os “estados perigosos” que aquelas pessoas enfrentavam. A liberdade - não o seu conceito abstrato, nem muito menos sua etimologia, mas, sim um processo natural que deveria ser apoiado, encontrava novamente um solo que é tão próprio dela e que havia sido negado a muitos séculos. Solo esse que, utilizando-se da arte busca demonstrar um mundo que não é considerado legítimo, diante de experiências que pela primeira vez estavam buscando serem compreendidas e não negadas como era do costume da psiquiatria. Segundo afirma Ulpiano<sup>9</sup>:

Há uma má-fé nítida na psiquiatria. A psiquiatria vai transformar a loucura numa doença mental – ela não é uma doença mental; ela é a aventura das mais violentas da vida – a aventura do caos. Nós vamos encontrar determinados artistas – um exemplo é o Artaud, que é exatamente a mistura desses limites – da loucura e do pensamento. Artaud ora é louco, ora é pensador. Ele não para de se confrontar com o caos (ULPIANO, 1989)

---

<sup>9</sup> Aula gravada. Disponível em: <https://acervoclaudiuulpiano.wordpress.com/2018/03/20/aula-de-21031989-o-novo-objeto-da-metafisica-2-2/>.

O Museu “Imagens do Inconsciente” que reunia as diversas obras de pacientes do Hospital Psiquiátrico Pedro II, idealizado por Nise da Silveira - a qual foi responsável por criar o espaço de arte e terapia para aqueles a quem a própria vida já havia sido negada, foi um marco importante para uma resistência cultural, filosófica e política que se desenvolvia com mais fervor após o período do pós-guerra. Através deste projeto, o Brasil alcança notoriedade no mundo como protagonista dos debates nas quais as artes contemporâneas que estavam se desenrolando em todo o mundo traziam.

O artista para a arte contemporânea é aquele que se perde no caos, que vai além de sua realidade para captar nuances, tons, signos e interpretações do inconsciente coletivo, ele vive aquela experiência verdadeiramente em seu âmago. É assim que Nise interpreta os artistas que encontra no Hospital Psiquiátrico, vivências que a psiquiatria deixava se perder em meio aos eletrochoques, artistas que precisavam se deixar falar por si mesmos e que através do desenvolvimento de práticas de si, ou seja, de práticas em que os indivíduos se debruçavam sobre suas próprias existências no sentido de se reconhecerem, puderam eles se expressarem pelas artes e afrontarem a moral estabelecida que os acurravam.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O desenvolvimento do presente trabalho buscou analisar as concepções acerca da loucura e propor através de questionamentos, vivências e do estudo minucioso das filosofias envolvidas, os descaminhos existentes nas estruturas que circundam estas significações na sociedade. Dessa forma, reconhecemos a importância de um trabalho desta magnitude por tornar-se essencial para a Filosofia ao buscar demonstrar como esta área do conhecimento se relaciona de maneira mais direta a Psiquiatria e as Artes e, produzindo através disto, maneiras interdisciplinares para se trabalhar junto à comunidade. Um tratamento que se coloca fora de uma tradição estabelecida e de uma maneira superficial ou “banal” de se relacionar com a Loucura, ou seja, fora dos parâmetros da Psiquiatria como protagonista no processo, pode transformar significativamente a vida das pessoas que se encontram em situação de internamento, pois, muitas delas se encontram em estado de total abandono. Apesar dos avanços e

mudanças na forma de tratamento em relação aos pacientes, as políticas nacionais de saúde mental têm se encontrado a um passo de retrocederem e serem novamente apagadas da lista de direitos essenciais para os brasileiros.

Portanto, reiteramos que é através de práticas de si como a “estética da existência”, momento em que, dispositivos de resistência são criados contra as ameaças de poder e dominação impostos com a finalidade de se estabelecer um único modo de vida dentro da norma e dos parâmetros aceitos pela sociedade, que buscamos transformar a maneira na qual a loucura é tratada. Um tratamento que se coloca fora de uma tradição estabelecida e de uma maneira superficial ou “banal” de se relacionar com a Loucura, ou seja, fora dos parâmetros da Psiquiatria como protagonista no processo, pode transformar significativamente a vida das pessoas que se encontram em situação de internamento, pois, muitas delas se encontram em estado de total abandono.

O saber psiquiátrico é posto à prova em um longo período que vai ser marcado por intervenções em hospícios com casos de maus-tratos, debates nacionais com a população e profissionais de diversas áreas e a realização da “I Conferência Nacional de Saúde Mental” no Rio de Janeiro. É importante também ressaltar como grande marco para a saúde mental, a criação do primeiro CAPS, os primeiros centros para substituição dos hospitais psiquiátricos onde são trabalhados até hoje métodos alternativos para o tratamento dos pacientes em situação de internamento como “musicaterapia” e a “arteterapia”. Apesar dos avanços e mudanças na forma de tratamento em relação aos pacientes, as políticas nacionais de saúde mental têm se encontrado a um passo de retrocederem e serem novamente apagadas da lista de direitos essenciais para os brasileiros.

Levando-se em consideração esses aspectos, esta pesquisa alcançou seus objetivos no sentido de trazer luz as questões relacionadas a loucura, a historicidade da verdade e a desconstrução da moral imposta além de propor alternativas, caminhos, passagens que promovam aos indivíduos, não só residentes dos manicômios, um olhar mais humano, que caminhe lado a lado com a subjetivação de si.

Ainda assim, veremos no decorrer do percurso outras problemáticas surgirem, como por exemplo em relação as questões que envolvem o papel da arte nesse processo e, mais especificamente na maneira na qual a prática da arte seria desenvolvida nestes espaços. Portanto, através das referências adquiridas nos estudos sobre terapia ocupacional de Nise da Silveira, mostramos uma base forte para que estas práticas possam

continuar se desenvolvendo, se ampliando e, humanizando o tratamento das pessoas em situação de internamento.

Logo, concluímos que as pesquisas e debates mencionado neste trabalho, possuem atualidade em nossa sociedade, assim como na época em que foram expostas por Michel Foucault em suas obras. Partimos de uma melhor compreensão de seus conceitos e análises para uma filosofia que se debruce em pensar o seu presente e, muito além disto, pensar possíveis transformações.

## REFERÊNCIAS

### Fontes primárias:

FOUCAULT, M. **História da loucura na idade clássica (1961)**. Tradução de José Texeira Coelho Netto. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 1978.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder (1979)**. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

\_\_\_\_\_. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas (1966)**. Tradução Salma Tannus Muchail. 8ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria, psicanálise. **Ditos e Escritos Vol I**. Organização e seleção de textos Manoel Barros da Motta, tradução Vera Lucia Avellar Ribeiro. 3ª ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

\_\_\_\_\_. **A hermenêutica do sujeito (1981-1982)**. Tradução de Márcio Alves e Salma Tannus. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

\_\_\_\_\_. Repensar a política. **Ditos e Escritos Vol VI**. Organização e seleção de textos Manoel Barros da Motta, tradução de Ana Lúcia Paranhos Pessoa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

### Fontes Secundárias:

ARBEX, D. **Holocausto brasileiro**, 1ª Ed. São Paulo: Geração Editorial, 2013.

CORRÊA, J. d. Na Companhia de Foucault. *Psicologia em Revista*, abr. 2018. 24,337-342. Fonte: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-11682018000100024&lng=pt&nrm=isso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682018000100024&lng=pt&nrm=isso). Acesso em: 13 de maio 2021.

PORTO, M. V. P. **Caminhos da liberdade em Foucault: das relações de poder**. João Pessoa: UFPB, 2017.

SILVEIRA, N. d. (1989). **Artaud: a nostalgia do mais**. Rio de Janeiro: Numen.

ULPIANO, C. (21 de Março de 1989). **O Novo Objeto da Metafísica**. Acesso em 10 de Maio de 2021, disponível em Acervo Cláudio Ulpiano: <https://acervoclaudioulpiano.wordpress.com/2018/03/20/aula-de-21031989-o-novo-objeto-da-metafisica-2-2/>